



Índice de Desenvolvimento Social - IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro

**N° 20080401
Abril - 2008**

Fernando Cavallieri, Gustavo Peres Lopes - IPP/Prefeitura da Cidade do
Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - IDS: COMPARANDO AS REALIDADES MICROURBANAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Fernando Cavallieri, Gustavo Peres Lopes - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Introdução

O IDS foi inspirado no conhecido Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, calculado pela ONU (PNUD) para inúmeros países do mundo que, por sua vez tem servido de base para a construção de uma série de outros índices compostos. Sua finalidade é medir o grau de desenvolvimento social de uma determinada área geográfica em comparação com outras de mesma natureza. Como qualquer índice sintético do tipo, o IDS combina, de uma determinada forma, algumas variáveis que melhor caracterizem diversas facetas do fenômeno em estudo. A escolha das variáveis, tarefa presidida por uma análise teórico-conceitual decorre da sua pertinência ao tema, mas também da sua disponibilidade e da sua “qualidade estatística”¹. Um grande número de variáveis compondo o índice não é, necessariamente, um atestado de valor, até porque algumas podem estar expressando os mesmo conteúdos, criando nada mais do que uma redundância estatística.

O fenômeno em estudo – desenvolvimento social em áreas urbanas - está intimamente relacionado ao desenvolvimento humano entendido como “expansão ou alargamento da liberdade”, no sentido que lhe foi atribuído por Amartya Sen² o economista que criou para a ONU o IDH. Este indicador, largamente utilizado, devido à sua facilidade de cálculo e amplitude de significado, relaciona com grande poder de síntese três dimensões: conhecimento, recursos monetários e saúde e sobrevivência. Em termos operacionais, o IDH, para os países, trabalha com quatro variáveis, acrescentando ao tradicional indicador PIB per capita, a taxa bruta de frequência escolar, a taxa de alfabetização e a esperança de vida. O IDS caminha na mesma direção do IDH, incluindo outras dimensões que caracterizam o aspecto urbano propriamente dito.³

Deve-se argumentar, também, que o desenvolvimento social e urbano estão intimamente relacionados, embora não de forma mecânica e linear. O IDS busca exatamente caracterizar situações típicas das cidades brasileiras, uma vez que para o melhor conhecimento e atuação pública nas mesmas não basta saber da sua situação sócio-econômica, mas também da urbanística.

O índice em pauta tem como base os resultados do Censo Demográfico do IBGE. A versão que aqui se apresenta reflete os resultados da pesquisa censitária realizada pelo IBGE em 2000, mas será sempre possível a comparação com resultados de outros anos. Sua peculiaridade que o diferencia de tantos outros índices igualmente importantes e úteis, é o nível de desagregação espacial para o qual ele pôde ser calculado: o setor censitário. Se por um lado, essa escolha permite uma multiplicidade de informações, como se verá a seguir, impõe limitações quanto à disponibilidade de variáveis. Com efeito, só são aplicáveis aos setores censitários, as variáveis relativas ao questionário do universo do Censo.

O setor censitário (com uma média de 250 domicílios) é uma construção do IBGE, utilizada em suas pesquisas domiciliares, definida como: “a unidade territorial de coleta e de controle cadastral, percorrida por um único recenseador, contínua e situada em área urbana ou rural de um mesmo distrito, em função do perímetro urbano (linha divisória dos espaços juridicamente distintos de um distrito, estabelecida por lei municipal).” No caso do município do Rio de Janeiro, que não é legalmente dividido em distritos, foi possível indexar 8.048 setores para os quais o Censo Demográfico 2000 apresentou as requeridas informações. Para se ter uma idéia do grau de detalhamento proporcionado pelo recorte geográfico do setor censitário, registre-se que o município do Rio de Janeiro se dividia em 2000 em 32 Regiões Administrativas, compostas por 158 bairros e mais de oito mil setores censitários.

Eis a grande vantagem do IDS: ao utilizar a menor unidade geográfica para as quais se dispõem e se disporá de dados estatísticos confiáveis e sistemáticos possibilita a identificação e a comparação das diferenças intra-urbanas tanto no máximo grau de detalhamento espacial quanto em qualquer agregação que seja possível fazer a partir dos 8 mil e tantos micro espaços em que o IBGE divide a cidade.

Metodologia

Foram utilizados 10 indicadores, construídos a partir de variáveis do Censo Demográfico 2000 do IBGE, para a composição do Índice de Desenvolvimento Social. Tais indicadores cobrem quatro grandes dimensões de análise:

Dimensão Acesso a Saneamento Básico

- Percentagem dos domicílios com serviço de abastecimento de água adequada - aqueles que têm canalização interna e estão ligados à rede geral;
- Percentagem dos domicílios com serviço de esgoto adequado - aqueles que estão ligados à rede geral;
- Percentagem dos domicílios com serviço adequado de coleta de lixo - aqueles que dispõem de coleta direta ou indireta de lixo;

Dimensão Qualidade Habitacional

- Número médio de banheiros por pessoa;

Dimensão Grau de Escolaridade

- Percentagem de analfabetismo em maiores de 15 anos;
- Percentagem dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo;
- Percentagem dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo;

Dimensão Disponibilidade de Renda

- Rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos;
- Percentagem dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos;

- Percentagem dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos.

As dez variáveis escolhidas cobrem um amplo espectro sócio-urbanístico, caracterizando situações relativas tanto ao domicílio quanto às pessoas que o habitam. A inexistência de dados, no grau de detalhamento desejado, restringiu sobremaneira a caracterização socioeconômica da família, obrigando-nos a lançar mão das características do responsável pelo domicílio como uma proxy da situação familiar.

Na dimensão escolaridade, o Censo 2000-universo só examinou a condição do ou da responsável pela casa. Para todos os demais moradores, restringiu-se à questão do analfabetismo. Quanto à renda, nem isso: apenas uma pergunta foi feita, e unicamente ao responsável pela residência.

No aspecto de acesso aos serviços de saneamento básico teve-se melhor sorte, vez que o IBGE investigou, em todos os domicílios do país, os três componentes mais importantes: abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo. Isso permitiu ao IDS incorporar uma ampla visão sobre o tema. Não obstante, como, na sistemática censitária, as perguntas se restringem às “formas” de acesso àqueles serviços, aspectos importantes sobre qualidade, periodicidade, custo e interação com outros serviços nunca são contemplados.

No aspecto da habitabilidade, o indicador mais representativo, e mesmo empregado para medir a inadequação da moradia, é o número de moradores por cômodos utilizados como dormitório. Na ausência dessa última variável e de outras sobre a qualidade da construção da casa, optou-se pelo número de banheiros relacionado ao número de moradores. Esse pareceu ser, entre indicadores passíveis de serem construídos, o mais adequado. Por exemplo, o número de moradores por domicílio – indicador bastante comum - resta incompleto, pois nada se pode saber sobre o tamanho da residência. O quociente da divisão entre a quantidade de banheiros e a quantidade de moradores de um domicílio, podendo assumir desde o valor zero (sem banheiro) até um valor significativamente alto (suponha-se, três banheiros para cada morador), pode dar uma boa idéia do conforto residencial e capturar a diversidade das habitações de um lugar, no que concerne a um dos seus aspectos mais importantes.

Forma de cálculo

Para a elaboração do IDS, a exemplo do cálculo do IDH e de muitos outros índices sintéticos, procede-se, em primeiro lugar, à “normalização” dos valores de cada um dos 10 indicadores. Isso é feito para que todos sejam compatibilizados e tenham o mesmo intervalo de variação numa escala de 0 a 1 (0= menor valor; 1 = maior valor). Para tanto, aplica-se a fórmula abaixo para cada um dos indicadores.

$VN_{ij} = 1 - (MVi - Vij) / (MVi - mVi)$, onde:

VN_{ij} = valor normalizado na escala de 0 a 1 do indicador i no lugar j

MVi = maior valor obtido pelo indicador i entre todos os recortes geográficos pesquisados;

mVi = menor valor obtido pelo indicador i entre todos os recortes geográficos pesquisados;

Vij = valor obtido pelo indicador i no lugar j

Em seguida, somamos os valores obtidos para cada lugar nos dez índices utilizados e calculamos sua média aritmética, dividindo a soma obtida por dez. Essa média corresponde ao valor do IDS. Note-se que como a média é calculada a partir de dez diferentes indicadores normalizados, o IDS poderá assumir qualquer valor entre 0 e 1, sem que necessariamente tenha que assumir os valores 0 e 1. Entretanto, o IDS manterá a hierarquização ordinal necessária para que possamos diferenciar os setores censitários.

Nota importante: a rigor este tipo de índice sintético e normalizado só permite comparações entre os elementos do grupo para o qual foram calculados. Por exemplo, o IDH de um país é perfeitamente comparável com o de outro, pois o índice foi calculado para o grupo “países do mundo”. O IDH-Município, calculado pela Fundação João Pinheiro-MG para todos os municípios brasileiros, permite uma legítima comparação entre os municípios, mas não destes com os países.

No presente estudo, o IDS carioca foi calculado para um grupo de referência constituído por:

- todos os setores censitários do IBGE com dados pertinentes;
- todas as favelas, assim consideradas pelo IBGE no Censo 2000;
- todos os 158 bairros e as 32 Regiões Administrativas (RA) recenseados em 2000.

Dessa forma é possível comparar, entre si, o IDS obtido por todos as 8.742 unidades integrantes desses quatro subconjuntos (setores, favelas, bairros e RA)⁴. Os resultados gerais são apresentados, adiante, no tópico PRINCIPAIS RESULTADOS.

Análise Fatorial*

Análise fatorial é uma técnica estatística multivariada que se aplica à busca de identificação de fatores num conjunto de medidas realizadas (ou variáveis de interesse), que porventura venham compor um indicador. Um fator assemelha-se a um indicador, com a distinção de que um indicador pode ser criado por uma composição de variáveis arbitrada pelo pesquisador, enquanto o fator (ou os fatores) identificado pela análise fatorial é uma descoberta do pesquisador. Num trabalho exploratório, o pesquisador inicialmente fará uso de variados fenômenos que posteriormente não venham compor o indicador que ele intuiu subjetivamente. A análise fatorial permitirá, além de discriminar os fenômenos mais pertinentes para compor o indicador, reter de cada um, quantitativamente, em um ou mais fatores, o quanto podem contribuir para a formação do indicador desejado.

A hipótese básica da técnica é a de que fatores podem ser usados para explicar fenômenos complexos. Correlações observadas entre variáveis resultam das contribuições destes fatores. Seu objetivo, portanto, é identificar fatores não diretamente observáveis, baseados em um conjunto de variáveis observáveis.

* Esta análise fatorial foi realizada por Helcio de Medeiros Junior, economista e Gerente de Informações Temáticas da Diretoria de Informações Geográficas do IPP.

Neste trabalho foi realizada uma análise fatorial pelo método dos fatores principais, que forneceu um escore fatorial que explicou 74,9% da variabilidade total, cujas cargas fatoriais (contribuições de cada fenômeno ao fator) e coeficientes padronizados (pesos de cada variável para o indicador) estão expostos no quadro a seguir.

ANÁLISE DE COMPONENTES FATORIAIS		
Indicadores	Cargas fatoriais	Coeficientes padronizados
Rede de água adequada	0,973	0.141
Rede de esgoto adequada	0,922	0.004
Coleta de lixo adequada	0,976	0.223
Banheiros por moradores	0,958	0.134
Responsáveis por domicílio com menos de 4 anos de estudo	0,732	0.133
Responsáveis por domicílio com 15 anos ou mais de estudo	0,770	0.075
Analfabetismo em maiores de 15 anos	0,689	0.036
Responsáveis por domicílio com renda até dois salários mínimos	0,758	0.066
Responsáveis por domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos	0,777	0.167
Rendimento médio dos responsáveis por domicílio em salários mínimos	0,806	0.021

Optou-se por não aplicar os diferentes coeficientes aos indicadores, mantendo-os todos com o mesmo peso 1 e fazendo a média simples de seu valores para se obter o índice sintético. Tal procedimento visou a permitir que o usuário possa, ao examinar os 11 índices de um determinado lugar (10 temáticos e um sintético), verificar quais os aspectos pesam mais e quais pesam menos na definição do IDS. Utilizações práticas na Prefeitura do Rio de Janeiro mostraram o acerto dessa decisão.

Histórico

O IDH tem sido uma grande fonte de inspiração para agências de planejamento de todo o mundo. No que diz respeito ao Brasil, tem sido adaptado por instituições ligadas a governos estaduais e municipais para fins de hierarquização dos níveis de qualidade de vida de diferentes unidades territoriais. O Instituto Polis⁵, por exemplo, usou-o para desenvolver um “índice municipal”, que hierarquizou os 187 municípios mais populosos do Estado de São Paulo (com mais de 100.000 habitantes à época) em diferentes classes; neste caso, chegou-se ao índice através da utilização de diversas variáveis do Censo Demográfico de 1991, que foram encapsuladas em quatro índices

específicos (renda, alfabetização, qualidade ambiental e habitação). Por sua vez, a Coordenação de Informações da Cidade- SMU/CIC também desenvolveu um índice similar – o Índice das Regiões Administrativas – que hierarquizou a qualidade de vida dos residentes das regiões administrativas da cidade⁶. Mais tarde, em 1997, o IPLANRIO (atual IPP) aplicou, pela primeira vez, essa metodologia para o estudo das favelas⁷. Em ambos os casos, as variáveis fornecidas pelo Censo Demográfico de 1991 foram utilizadas.

Em 2003, a Fundação João Pinheiro (FJP) que já havia, pouco ano antes, calculado com dados do Censo 2000 – Amostra, o IDH-M para todos os municípios brasileiros, fez o mesmo para as regiões administrativas e bairros do município do Rio de Janeiro. A metodologia foi a mesma do IDH-M, que, por sua vez, corresponde a uma pequena adaptação do índice criado pelo PNUD da ONU. No entanto, devido às limitações da amostra do Censo não foi possível calcular o IDH sequer para todos os bairros, mas tão somente para aqueles que sozinhos ou agrupados consistiam em uma área de ponderação, para a qual era possível desagregar os dados da amostra do Censo 2000. Em que pese, tais limitações, o Município do Rio foi pioneiro no país a ter o IDH calculado para espaços submunicipais e o “IDH por bairros” muito utilizado pelos gestores locais e pesquisadores em geral⁸.

Principais resultados

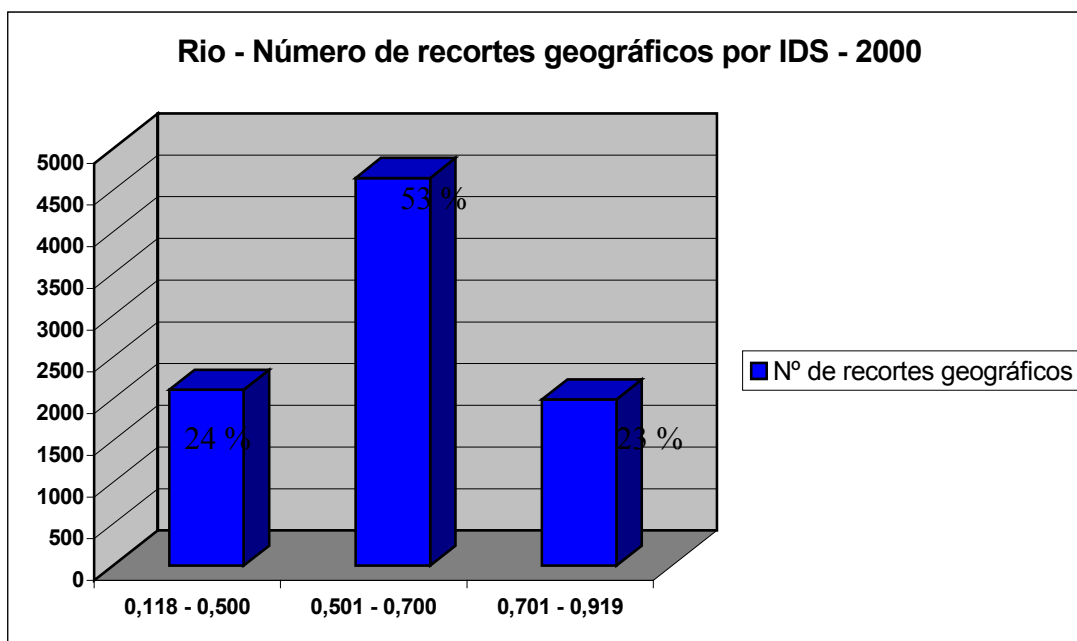
A aplicação da metodologia referida produziu valores de IDS sintético (cada um deles, por sua vez, formado por 10 subíndices) para 8.742 recortes geográficos, a saber: 32 Regiões Administrativas, 158 bairros, 504 favelas e 8.048 setores censitários. O exame detalhado desse grande montante de informações só será possível através de uma ferramenta SIG –sistema de informações geográficas que está sendo construída pelo IPP/DIG e, brevemente, estará disponível, no portal de informações do IPP, www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. O presente texto limita-se a apresentar alguns resultados estatísticos e informações geográficas sobre o conjunto completo e sobre o nível espacial das Regiões Administrativas e bairros.

Os índices obtidos para os 8.742 “recortes geográficos” apresentaram as seguintes estatísticas básicas:

Média	0,596	Intervalo	0,801
Mediana	0,583	Mínimo	0,118
Desvio padrão	0,125	Máximo	0,919

O coeficiente de variação, calculado pela divisão do desvio padrão pela média, resulta em 21% o que sugere uma dispersão razoavelmente pequena em relação à média. Não obstante, os valores variaram de 0,118 a 0,919, ambos relativos a setores censitários.

O gráfico seguinte exhibe a distribuição de frequência dos 8.742 IDS sintéticos. Nesta distribuição de frequência, mais da metade dos recortes geográficos (53%) apresentou um índice entre 0,501 e 0,700, quase equidistantes da média de 0,596.



IDS por Regiões Administrativas

O IDS das 32 Regiões Administrativas variou (tabela nº 1) entre 0,786 e 0,446. Cinco regiões ficaram acima de 0,7 (16,10 % da população da Cidade); vinte e uma, a grande maioria, portanto, entre 0,5 e 0,7 (53,95 % da população da Cidade) e apenas seis abaixo de 0,5 (11,71 % da população da Cidade). As RA's de maior IDS foram: Lagoa (0,786), Copacabana (0,753) e Botafogo (0,752). As de menor IDS, Complexo do Alemão (0,474), Rocinha (0,458) e Guaratiba (0,446), esta última ainda com característica marcadamente rurais.

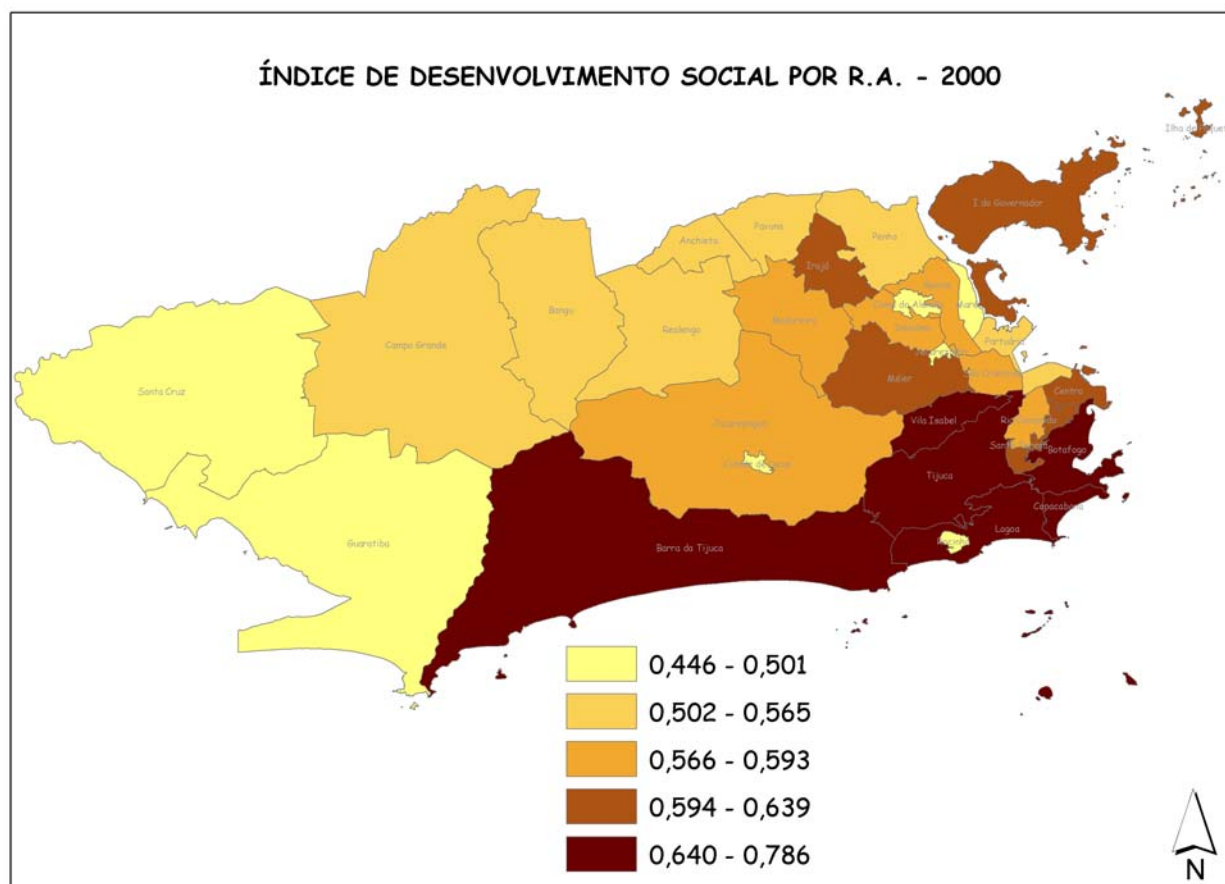
Tabela nº 1 - Índice de Desenvolvimento Social por Região Administrativa – Município do Rio de Janeiro - 2000

Região Administrativa	Posição	Índice Geral	Região Administrativa	Posição	Índice Geral
Lagoa	1	0,786	Madureira	17	0,579
Copacabana	2	0,753	São Cristovão	18	0,571
Botafogo	3	0,752	Penha	19	0,565
Tijuca	4	0,719	Realengo	20	0,553
Vila Isabel	5	0,707	Anchieta	21	0,533
B. da Tijuca	6	0,679	Portuária	22	0,531
Méier	7	0,639	Pavuna	23	0,520
Centro	8	0,629	Bangu	24	0,520
I.do Governador	9	0,621	Campo Grande	25	0,506
Santa Teresa	10	0,608	Jacarezinho	26	0,501
Irajá	11	0,600	Cidade de Deus	27	0,498
Ilha de Paquetá	12	0,594	Maré	28	0,497
Rio Comprido	13	0,593	Santa Cruz	29	0,478
Jacarepaguá	14	0,585	C. do Alemão	30	0,474
Ramos	15	0,581	Rocinha	31	0,458
Inhaúma	16	0,580	Guaratiba	32	0,446

Fontes - dados: IBGE.Censo 2000; cálculos: IPP/DIG
Obs. A RA de Vigário Geral não foi contemplada no Censo 2000.

O mapa 1 classifica as R.A.'s em cinco faixas cada uma com 6 ou 7 regiões. Notam-se cinco grandes manchas: a tradicional zona sul da cidade alargada por sua área de expansão mais recente (Barra da Tijuca) com os melhores resultados – IDS superior a 0,640 ; uma porção de IDS médio alta com 6 áreas que se estendem rumo ao Norte, próximas às anteriores; no patamar médio, 6 regiões com IDS de 0,566 a 0,593 ainda na mesma porção oriental da cidade; as regiões de índice médio baixo que formam uma mancha contínua na parte setentrional e se dirigem à oeste, e finalmente; sete RA's com índice inferior a 0,502 e correspondem a áreas da Zona Oeste a as chamadas regiões de favela ou assentamentos similares (Jacarezinho, Rocinha, Complexo do Alemão, Maré e Cidade de Deus).

Mapa nº 1 - Índice de Desenvolvimento Social por Região Administrativa – Município do Rio de Janeiro – 2000



Fontes - dados: IBGE. Censo 2000; cálculos e mapa: IPP/DIG

IDS por bairros

A variação do IDS nos 158 bairros oficiais ficou entre 0,854 e 0,277. Três bairros ficaram acima de 0,8; vinte e dois entre 0,7 e 0,8; cento nove entre 0,5 e 0,7 e apenas 24 abaixo de 0,5. Os bairros de maior IDS (ver tabela 2) foram respectivamente: Lagoa (0,854), Leblon (0,809), Ipanema (0,801), Humaitá (0,798) e Urca (0,795). As de menor IDS foram: Guaratiba (0,433), Vargem Pequena (0,425), Vargem Grande (0,408), Camorim (0,369) e Grumari (0,277).

Tabela nº 2 - Índice de Desenvolvimento Social por bairros – Município do Rio de Janeiro - 2000

Bairro	Posição	Índice Geral	Bairro	Posição	Índice Geral	Bairro	Posição	Índice Geral
Lagoa	1	0,854	Zumbi	29	0,684	Vila Cosmos	57	0,610
Leblon	2	0,809	Rocha	30	0,683	Eng. de Dentro	58	0,610
Ipanema	3	0,801	P. da Bandeira	31	0,679	Ramos	59	0,610
Humaitá	4	0,798	Cachambi	32	0,670	Santa Teresa	60	0,608
Urca	5	0,795	Riachuelo	33	0,669	Taquara	61	0,608
Barra da Tijuca	6	0,795	Cocotá	34	0,668	Irajá	62	0,606
Jardim Botânico	7	0,787	Vila Valqueire	35	0,665	Quintino Bocaiúva	63	0,605
São Conrado	8	0,787	Vila da Penha	36	0,663	Água Santa	64	0,604
Gávea	9	0,787	Catete	37	0,663	Olaria	65	0,603
Laranjeiras	10	0,779	Pechincha	38	0,662	Piedade	66	0,602
Flamengo	11	0,775	Freguesia (16RA)	39	0,651	Jardim Carioca	67	0,601
Leme	12	0,761	Praia da Bandeira	40	0,650	Bancários	68	0,600
Maracanã	13	0,758	Maria da Graça	41	0,648	Praça Seca	69	0,598
Copacabana	14	0,753	São Franc. Xavier	42	0,638	Saúde	70	0,598
J. Guanabara	15	0,745	Anil	43	0,635	Tanque	71	0,595
Botafogo	16	0,743	Higienópolis	44	0,631	Vila Militar	72	0,594
C. dos Afonsos	17	0,730	Vista Alegre	45	0,629	Campinho	73	0,594
Tijuca	18	0,729	Portuguesa	46	0,629	São Cristóvão	74	0,594
Grajaú	19	0,725	Centro	47	0,629	Paquetá	75	0,594
Méier	20	0,719	Jardim Sulacap	48	0,628	Penha Circular	76	0,593
Moneró	21	0,715	Abolição	49	0,628	Oswaldo Cruz	77	0,591
Cosme Velho	22	0,713	Rio Comprido	50	0,625	Jacaré	78	0,591
Joá	23	0,713	Engenho Novo	51	0,618	Bento Ribeiro	79	0,590
Todos os Santos	24	0,701	Freguesia (20RA)	52	0,615	Cascadura	80	0,588
Glória	25	0,700	Encantado	53	0,615	Brás de Pina	81	0,588
Andaraí	26	0,696	Bonsucesso	54	0,615	Madureira	82	0,586
Ribeira	27	0,689	L. de Vasconcelos	55	0,612	Pilares	83	0,585
Vila Isabel	28	0,687	R. dos Bandeirantes	56	0,612	Vaz Lobo	84	0,584

Continua na página seguinte

Tabela nº. 2 - Índice de Desenvolvimento Social por bairros - Município do Rio de Janeiro - 2000

Continuação da tabela anterior.

Bairro	Posição	Índice Geral	Bairro	Posição	Índice Geral	Bairro	Posição	Índice Geral
E. da Rainha	85	0,584	Engenheiro Leal	110	0,549	Cidade de Deus	135	0,498
Penha	86	0,580	Del Castilho	111	0,549	Caju	136	0,498
Cacuaia	87	0,578	Galeão	112	0,548	Gardênia Azul	137	0,497
Pitangueiras	88	0,575	Guadalupe	113	0,548	Maré	138	0,497
Marechal Hermes	89	0,572	Alto da Boa Vista	114	0,547	Senador Camará	139	0,496
Tomás Coelho	90	0,572	P. de Guaratiba	115	0,546	Santíssimo	140	0,491
Sampaio	91	0,570	Realengo	116	0,545	Barros Filho	141	0,490
Estácio	92	0,568	Magalhães Bastos	117	0,544	Costa Barros	142	0,490
Santo Cristo	93	0,564	Colégio	118	0,543	Cosmos	143	0,486
C. Universitária	94	0,564	Padre Miguel	119	0,542	Paciência	144	0,482
Cavalcanti	95	0,560	Parque Anchieta	120	0,540	Inhoaíba	145	0,478
Jardim América	96	0,559	Pavuna	121	0,540	Sepetiba	146	0,477
Tauá	97	0,559	Gamboa	122	0,537	Santa Cruz	147	0,476
Inhaúma	98	0,559	Vidigal	123	0,528	Jacarepaguá	148	0,476
Benfica	99	0,559	R. de Albuquerque	124	0,525	C. do Alemão	149	0,474
Catumbi	100	0,558	Bangu	125	0,525	Manguinhos	150	0,473
Cordovil	101	0,558	Mangueira	126	0,523	Rocinha	151	0,458
Rocha Miranda	102	0,556	Parque Columbia	127	0,522	B. de Guaratiba	152	0,448
Coelho Neto	103	0,556	Anchieta	128	0,519	Acari	153	0,443
V. de Carvalho	104	0,555	Campo Grande	129	0,518	Guaratiba	154	0,433
Deodoro	105	0,555	Vigário Geral	130	0,514	Vargem Pequena	155	0,425
Cidade Nova	106	0,553	S. Vasconcelos	131	0,506	Vargem Grande	156	0,408
Curicica	107	0,552	Jacarezinho	132	0,501	Camorim	157	0,369
Honório Gurgel	108	0,551	Itanhangá	133	0,501	Grumari	158	0,277
Turiaçu	109	0,550	Parada de Lucas	134	0,501			

Fontes - dados: IBGE.Censo 2000; cálculos: IPP/DIG

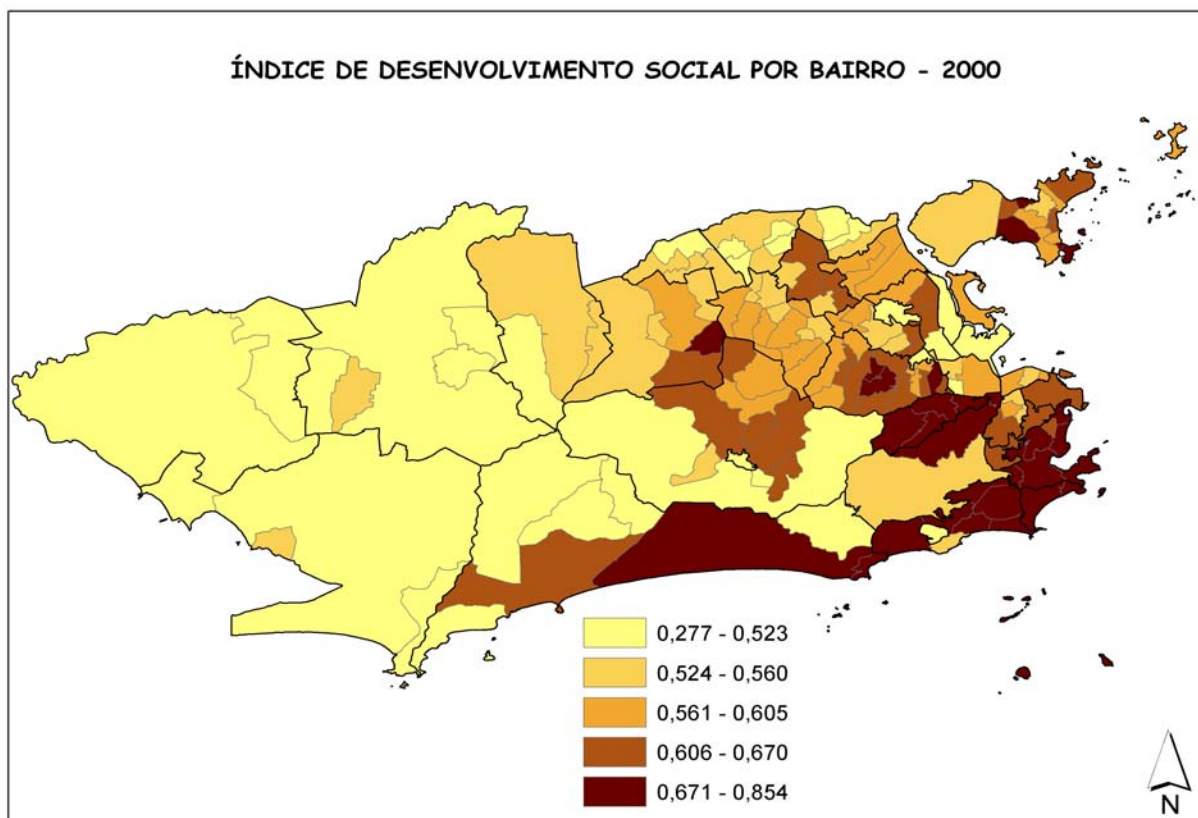
Obs. Os bairros de Vasco da Gama e Gericinó ainda não existiam em 2000.

Observamos que dos vinte bairros de melhor IDS, apenas quatro não estão na Área de Planejamento 2- AP2 (Zona Sul e adjacências); são eles: Barra da Tijuca na AP4, Jardim Guanabara e Méier na AP3 e Campo dos Afonsos na AP5.

Há grande contraste entre os bairros que formam a Região Administrativa da Barra da Tijuca: o bairro da Barra da Tijuca tem um índice de quase 0,8, o sexto mais alto da cidade; Recreio dos Bandeirantes, cerca de 0,6; Vargem Pequena, Vargem Grande e Camorim giram em torno de 0,4; e Grumari, por suas características pouco urbanas e somente 25 domicílios foi o último colocado com IDS igual a 0,277. Esses bairros, bem como Guaratiba e Barra de Guaratiba, estavam em franco crescimento (exceção de Grumari) e em transição de situações rurais para urbanas. Esse caráter “rural” fez com que seu IDS fosse puxado para baixo, sobretudo em função dos índices relativos aos serviços de infra-estrutura, cujos parâmetros de medição adotados nesse estudo nem sempre são adequados para caracterizar o grau de desenvolvimento ambiental dos seus domicílios.

O mapa 2 nos possibilita visualizar melhor, a distribuição do IDS pelos diversos bairros da Cidade. De modo geral Zona Oeste obteve os IDS mais baixos (com exceção de Campo dos Afonsos e Jardim Sulacap). A Zona Sul apresenta IDS elevado com exceção dos bairros do Alto da Boa Vista, Rocinha e Vidigal, com IDS baixo. Na Zona Norte, temos predominância de IDS médios e baixos, com algumas ilhas de IDS elevado, como os bairros do Méier, Rocha, Ribeira e Jardim Guanabara na Ilha do Governador.

Mapa nº. 2 - Índice de Desenvolvimento Social por bairro - Município do Rio de Janeiro – 2000



Fontes - dados: IBGE.Censo 2000; cálculos e mapa: IPP/DIG
Obs. Os bairros de Vasco da Gama e Gericinó ainda não existiam em 2000.

¹ Ver **Jannuzzi, P.** *Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. Campinas, Ed. Alínea, 2001.

² **Sen, Amartya.** *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 2000 apud Amorim, E. & Blanco M. Desenvolvimento humano como expansão da liberdade e a sua relação com o IDH *in* IPP. Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro, em www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

³ Devido à incorporação de indicadores ao IDS que só fazem sentido em realidades urbanas, deve-se ter cautela ao aplicá-lo para áreas que apresentam marcantes características rurais ou não urbanas.

⁴ Optou-se por calcular o IDS de todos os recortes geográficos, considerando-os como um só conjunto, embora se sabendo que certos recortes estão contidos dentro de outros. Dessa forma, a comparação se torna mais consistente do que se se calculasse o índice de uma área como sendo a média dos índices dos setores censitários que a compõem.

⁵ Ver **Souto, A.L.S. et alii.** *Como reconhecer um bom governo? O papel das administrações municipais na melhoria da qualidade de vida*. São Paulo, Polis, 1995, 72p. (Publicações Polis nº 21).

⁶ **SMU/CIC.** *Índice das Regiões Administrativas Rio de Janeiro*, SMU, 1995.

⁷ **IPLANRIO.** *Favelas Cariocas: Índice de Qualidade Urbana*. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1997.

⁸ Ver **IPP.** *Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro* (Convênio IPP / IUPERJ / IPEA), 2004 em www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.